

FOGGY DAYS IN OLD MANHATTAN?

Esta exposição parte da ideia do acto de imaginar como se de uma experiência real se tratasse.

Aqui Manhattan faz o papel de um lugar abstracto. Até pelo facto de nunca ter estado em Manhattan. Mas, como qualquer um de nós, tenho uma vaga ideia de Manhattan. E, aqui, *old Manhattan* como poderia ser *old New York*, agradando-me a ideia de um velho novo mundo, até pelo disparate.

De facto, a ideia de contemporaneidade nas artes plásticas não me parece muito relevante, até porque a contemporaneidade, quando nos referimos a ela, já foi.

Não é a ideia da obra de arte como produto ou imagem do seu tempo que me parece interessante, nem importante na essência do que será a obra de arte.

Neste sentido, no vídeo da canção aqui mostrada, em vez de Manhattan aparece a fachada da igreja de Santa Cruz de Coimbra, e, em várias telas, objectos cuja patine os afasta de qualquer ideia de temporalidade efémera. E, ao mesmo tempo, a representação das flores como atitude complementar, no fazer durar aquilo que, na realidade, murcharia em pouco tempo (mas que, enquanto espécies, poderiam durar milénios).

O contexto do surgimento de uma obra de arte poderá ser um dos seus ingredientes, mas a sua significância não reside no contexto do seu tempo.

Podemos considerar a obra de arte como uma reflexão sobre o que será a experiência estética, manifestação ou mesmo sinónimo do que consistirá ser um indivíduo, para além das imagens fragmentárias da racionalidade utilitária.

Encarando a arte como uma forma de conhecimento, esta exposição pode sugerir, pelo título, pelo nevoeiro, a impossibilidade de uma nitidez (ou que não será na pura visibilidade que essa nitidez será encontrada).

A última frase da canção *and it is very sad, when you're left alone with your head*, mais do que qualquer confessionalismo, ou mesmo tristeza (até porque *sad* poderia não ser mais do que o que rima com *head*), sugere a ideia da possibilidade de isolar a cabeça de todo o resto do mundo.

Mas, na impossibilidade de representar tudo o que existe, a melhor solução talvez fosse só representar uma cabeça.

Tudo isto não procura sugerir caminhos para uma interpretação do que fiz, não sendo mais do que alguns dos ingredientes da génese conceptual desta exposição.

A arte pode ser encarada como manifestação do campo de possibilidades do pensamento complexo (que pode ser outra forma de dizer plasticidade), mas, como artista, fiz esta exposição como quem escreveria uma ópera, quando as óperas estariam no auge da sua vocação recreativa.

Quando encaro as letras que faço para as canções com o João Taborda como a forma mais interessante que encontro para fazer teoria de arte, julgo utilizar a melhor forma de reflectir sobre arte, que é parecer não lhe dar demasiada importância.

Acredito ser mais eficaz a arte surgir liberta da ideia de aura, que, normalmente, no espectador provoca mais opacidade que transparência. E mesmo que, estrategicamente, pareça não se levar muito a sério, será bem mais eficaz nas suas potencialidades comunicativas.

Não é aquilo que tenho de diferente que me interessa (até porque não me conheço assim tão bem), mas sim a cumplicidade com aquilo que toda a gente sabe, numa forma de pensar tão rápida, que a razão prefere chamar intuição talvez para não ter de encarar os seus limites.